

A utopia nacionalista de Manoel Bomfim*

André Luiz de Souza Filgueira¹

Resumo:

Este texto é dedicado à compreensão da designação de nação em Manoel Bomfim. A tese que sustenta essa concepção é a de que o Brasil se fez nação apoiado em todos os predicados necessários à sua consolidação (coesão social, amor à terra, amor à pátria e resistência) nos séculos XVI e XVII. O *ânimo nacional*, expressão utilizada por Bomfim para se referir à formação da pátria, manifestou-se em momentos específicos, a saber, durante a resistência à invasão francesa e, depois, à holandesa. Assim foi fundada a nação brasileira, na derrota dos invasores. O conhecimento da tradição resistente e fundadora da pátria – erguida no ânimo nacional e no suor derramado pelos heróis da nação em sua defesa – Bomfim os recebeu dos escritos de Robert Southey. O *ânimo nacional* ganhou tonalidade nos escritos do autor em análise porque sua força repousa no sentimento, na paixão e no amor à pátria. A nossa proposta é expor os argumentos empregados por Bomfim que conferem sustentação ao aparecimento do fenômeno nacional, amparado no amor à pátria e que, depois, efervescerá as quatro revoluções do século XIX (época assinalada pela composição do Estado nacional brasileiro).

Palavras-chave: nação; resistência; Brasil.

Abstract:

This text is dedicated to the comprehension of the designation of a nation in Manoel Bomfim. The thesis that sustain this conception is that Brazil made itself a nation based on all the needed predicates to its consolidation (social cohesion, love for the land, love for the homeland and resistance) in the XVI and XVII century. The national strength, expression used by Bomfim to refer to the country formation, manifested in specific moments, known, during the resistance to the French invasion, and later Holland's. And that's how the Brazilian nation was founded, in its invader's defeat. The resistant tradition knowledge and founder of the the homeland - lifted by the nations strength and in the sweat drained from the heroes of the nation in its defense - Bomfim received writings from Rober Southey. The national strength gained tonality in the authors writings, in analyse, because its force relied on the feelings, in the passion and in the love for the homeland. Our proposition is to expose the arguments imposed by Bomfim, that conferrers support to the appearing of the national phenomenon, based on the love for the homeland and that, later, will heat it up the four revolutions of the XIX century (time signed by the composition of the national Brazilian State).

Keywords: nation; resistance; Brazil.

O Brazil não conhece o Brasil

* Artigo submetido em 15 de mai./2012, e aprovado em 25 de jun./2012.

¹ Doutorando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, mestre em Ciências Sociais pelo Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas, ambos da Universidade de Brasília e, graduado em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: andreejesus@ig.com.br

Maurício Tapajós / Aldir Blanc

Manoel Bomfim² no primeiro livro da trilogia² dedicada ao pensamento social brasileiro, *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*, publicado em 1929, coloca em destaque a importância da resistência brasileira à invasão francesa, no século XVI. Esse fato, a resistência, inaugura o aparecimento da primeira lição de patriotismo³. Isso levou o autor a afirmar, com entusiasmo, que,

é certo que a defesa da terra contra os franceses antecede qualquer manifestação da alma brasileira; mas, tanto dura a luta, e tanto se estende, que valeu como a primeira lição de patriotismo às novas gentes, e deve ser citada explicitamente porque aí, nas peripécias dessa defesa, pronunciam-se os primeiros lances de valor já propriamente brasileiro. (BOMFIM, 1997: 209)

O valor brasileiro, ao qual se refere Bomfim, é o amor pela terra. Em prol da terra se levantaram portugueses e nativos contra os franceses. De imediato pode ser questionado se o português possuía amor à terra já que ele se estabeleceu na colônia por motivos econômicos. Segundo Bomfim, o português que se opôs aos franceses tinha sim amor a terra. Esse sentimento era advindo do contato com o gentio; “o português, no Brasil, juntou-se francamente, em sangue e costumes, aos indígenas.” (BOMFIM, 1997: 107-108). Por isso, da união de forças entre portugueses e índios resultou a resistência necessária para expulsão do gaulês, desejoso “em assenhorear-se do domínio português na América”. (BOMFIM, 1997: 210).

Da resistência ao francês vieram à tona os heróis nacionais. Mesmo sendo portugueses eles se tornaram brasileiros, brasileiros heroicos. Esses heróis endossaram o levante nativo no Brasil, e ambos, de posse de uma instrução guerreira, defenderam a terra. Segundo Manoel Bomfim, é nesse plano que reside um dos méritos mais candentes do *ânimo nacional*, porque daí vem o enxame de heróis.

² Pensador social brasileiro nascido em Sergipe e que viveu de 1868 a 1932. Estudou medicina, mas desligou-se desse ofício após perder a filha, em 1894, vítima de tifo. Em seguida, Bomfim fez da educação sua morada profissional, no mesmo instante em que dedicou atenção à revisão da historiografia brasileira. Um dos aspectos mais relevantes de sua análise social é a defesa do mestiço, agente condutor da emancipação nacional, e a condenação à colonização portuguesa, fonte limitadora do progresso pátrio.

² A trilogia social de Manoel Bomfim é composta pelos seguintes títulos: *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*, cuja publicação é de 1929, *O Brasil na história: deturpação dos trabalhos, degradação política*, de 1931, e, por fim, *O Brasil nação: realidade da soberania brasileira*, também publicado no ano de 1931.

³ Bomfim não distingue nação, nacionalismo e pátria. Por isso, é comum, em seus textos, o emprego dos referidos termos como equivalentes.

Agora, para a remissão definitiva da terra brasileira, vemos aparecer nomes que são de brasileiros, ou exclusivos da nossa história: Cavalcanti, Albuquerque, Albuquerque Maranhão, Souza Dessa, Rangel, Bento Maciel... completados por Martim Leitão, Soares Moreno..., heróis que, sendo portugueses de nascimento, são brasileiros em tudo mais: a educação guerreira os interesses definitivos, e até os sentimentos. (BOMFIM, 1997: 216).

A proposta interpretativa desse pensador social consiste em sublinhar que a colônia, mesmo sendo cercada de limitações que a distanciava do modelo europeu de civilização, se organizou e combateu os franceses, saindo vitoriosa. Partindo desse suposto interpretativo a respeito da primazia da resistência brasileira aos franceses, guiada pelos heróis da nação, o imperativo da história se impõe a fim de trazer à luz os feitos do passado, que reservam ações com volume patriótico. “O passado já produziu os seus efeitos: foi escola de patriotismo. Guardemos dele, apenas, o justo orgulho: o Brasil foi o único país onde, em lutas repetidas, a França gloriosa nunca pôde impor a sua vontade.” (BOMFIM, 1997: 236). Esse marco registrado na *memória coletiva*⁴ da nação inspirou o engendrar da tradição nacional. Assim, Bomfim compreende que a resistência aos franceses é o fato social que funda o Brasil.

A fundação *precoce*⁵ da nacionalidade brasileira só foi possível pela interseção do amor à pátria, expresso no *ânimo nacional*. Por isso, logo no prefácio do livro *O Brasil na América* é dito: “com o anunciar da nacionalidade, gira um sopro de vivificante aurora: purifiquemo-nos, reanimemos nele.” (BOMFIM, 1997: 28). Manoel Bomfim diz isso por confiar que “é [a] paixão que ilumina e fortalece” (BOMFIM, 1997: 28) a alma e/ou o *ânimo nacional*. Esse sentimento não é posse de um único indivíduo, mas ao contrário, ele é de posse coletiva, e por ser de posse coletiva ele é o parteiro da unidade nacional, da pátria. Tão coletiva essa unidade de sentimento nacional que o próprio Manoel Bomfim se percebia envolvido nela. Ele se via nela envolvido porque o levava de volta a sua infância e adolescência, “essa unidade, em que me reconheço, é aquilo mesmo que, na consciência, reflete a singela tradição nacional dos meus dias de infância e de adolescência.” (BOMFIM, 1997: 29).

⁴ A *memória coletiva* é uma categoria pensada pelo filósofo francês Maurice Halbwachs. A ela foi designada a função de recompor o passado no instante em que “evocamos um fato que tivesse um lugar na vida de nosso grupo e que víamos, [...] ainda agora no momento em que o recordamos, do ponto de vista desse grupo.” (HALBWACHS, 2006: 41).

⁵ Grifo nosso. Empregamos essa palavra porque, segundo Bomfim, o Brasil foi o primeiro país da América, quiçá do mundo, a usufruir do estatuto de nação. “Não se encontra, por todo o resto da humanidade, um tão estendido país, em dezenas de milhões de habitantes, tão aproximados em coração, tão isentos de ódios, e tão livres de motivos de dissensões – tão unidos, enfim, como se vê na Nação Brasileira.” (BOMFIM, 1931: 166).

Isso mostra o brilho expelido pela tradição histórica nacional da qual o autor está contaminado. Porque a história também, assim como a nação, tem como combustível a paixão, e não a razão, como acreditavam os filósofos da Ilustração. “Não é a razão; é a paixão que faz a história, porque é a paixão que trabalha pelo futuro.” (BOMFIM, 1931: 38). Assim, o brilho oferecido pela tradição histórica superou até mesmo as desventuras trazidas pela empresa colonial no momento em que esta se rendeu ao *parasitismo social*⁶. Exploraremos um pouco mais a tradição patriótica anunciada na concepção de nacionalidade, só que, desta vez, ela será bradada por meio da resistência à invasão holandesa. Nessa conjuntura, a tradição nacional tropeçou em um obstáculo, o colonizador português, aquele que lutara antes contra os franceses, agora encontra-se degradado.

Se, de um lado, a singularidade que saltou aos olhos de Bomfim foi a coesão social estabelecida entre portugueses e nativos durante a resistência aos franceses, de outro lado, o que deixou o sergipano em estado de alerta foi a conjuntura social da colônia, na ocasião da resistência aos holandeses. Tal conjuntura social é exibida pelo declínio do Estado português, no século XVII:

foi um perigo superior a quanto já tem ameaçado a colônia, e esta, que já era uma pátria, esteve a desaparecer, para a tradição em que se formara, porque essa tradição era representada, agora, na degeneração e no apodrecimento dos dirigentes portugueses, com a miséria do Estado que neles se realizava. (BOMFIM, 1997: 253).

Mesmo perante Portugal declinado e já praticante do *parasitismo social*, o *ânimo nacional*, expresso por meio da ação isolada dos nativos e mestiços, dará, mais uma vez, prova do seu espírito soberano ao resistir às incursões holandesas, cujas finalidades eram: subtração da terra, da matéria prima e das energias daquelas gentes. De posse do *ânimo nacional*, o povo, segundo Bomfim, relutou e deu provas aos portugueses e aos holandeses do seu vigor. Assim, “se fez numa verdadeira substituição de valores humanos: a *mãe-pátria*⁷, que abate na miséria da incapacidade; uma nova pátria que lhe salva a tradição, e a impõe

⁶ *Parasitismo social* é o conceito formulado por Manoel Bomfim. A origem de tal categoria deita suas raízes na extração da palavra parasita, cunhada na biologia para nomear corpos que subtraem partes das potencialidades de outro animal, para aplicação na leitura da realidade social latino-americana. Para o acesso mais detalhado aos sentidos dado ao conceito mencionado, consultar o livro: *A América Latina: males de origem*, publicado no ano de 1905.

⁷ Grifo nosso. Essa expressão remonta ao legado do pensador social cubano José Martí. Para maiores informações, sobre o termo *mãe-pátria*, conferir a pesquisa do historiador Eugênio Rezende de Carvalho dedicada ao poeta nascido em Havana, cujo título é: *América para a humanidade: o americanismo universalista de José Martí*.

contra todos.” (BOMFIM, 1997: 255). Com isso, o pensador social afirma que a tradição nacional, lavrada outrora na resistência ao francês, foi evocada naquele momento pelo povo a título de inspiração a resistência ao holandês, considerando que a tradição nacional veio à luz ao mesmo tempo em que os interesses espúrios abatia o ex aliado da pátria, Portugal.

O povo brasileiro, nessa conjuntura social, lutou só, apoiado na tradição histórica contra a ameaça instaurada pelo batavo no momento assinalado pela decadência do colonizador português, entregue ao *parasitismo social*, que nada fez diante do perigo que se abatia sob a *mãe-pátria*. Esse enfretamento solitário rendeu frutos. Fez reascender a chama, no dizer de Bomfim, do *sentimento nacional*, próprio do brasileiro.

[...] os heroísmos ressurgem a qualquer mais leve movimento, com a prova de tudo: a decadência do Estado português; a degeneração e degradação dos seus governantes, o eclipse do seu heroísmo, o surgir de um sentimento nacional já próprio do brasileiro, e o mais em que se expande a paixão patriótica – virtudes, dedicações, entusiasmos... personalidades em relevo de força de ação. E, como significação definitiva, uma vontade soberana, inflexível, condensadora de energias, organizadora de destinos. (BOMFIM, 1997: 255).

Diante das palavras de Bomfim é fixada uma interrogação, de sua autoria, que já é, em si mesma, uma resposta afirmativa no que tange residência do sentimento nacional na constituição da nação. Se não fosse legítimo o acudir proporcionado pela unidade de sentimento nacional, então, “como explicar que a revolução de *Dezessete*⁸ alastrasse, como alastrou, e levasse as suas pretensões do Ceará até a Bahia e a própria sede da Corte?” (BOMFIM, 1931: 143). Cabe exprimir, todavia, qual é o núcleo da argumentação de Bomfim a respeito da invasão holandesa no contexto da degradação portuguesa. Com a derrota dos franceses, mérito da colônia, conquistado por portugueses e nativos, os primeiros se inscreveram no contexto da degradação, do *parasitismo social*, abandonando os nativos remanescentes e a parcela mestiça à sua própria sorte. Desse modo, queremos atinar o núcleo da argumentação de Bomfim, ou seja, dizer que antes da degradação e da espoliação, o português emprestou à construção da tradição histórica brasileira vigor e bravura, tão característicos de sua própria tradição.⁹ Tão característicos que Bomfim chamou o colonizador, nos áureos tempos, (antes da degradação), de “Portugal heroico” em um dos capítulos que agregam o livro *O Brasil na América*. Ele também expôs que Portugal era

⁸ Grifo do autor.

⁹ Esse fato é percebido por Bomfim já nos primeiros capítulos do livro *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira*, que são: cap. I “Portugal heróico”, p. 39; cap. II “O espanhol e o português”, p. 67; e, por último, cap. III “Os colonos formadores”, p. 83.

dotado de bravura, tenacidade e capacidade organizativa quando se lançou à navegação [no século XIV], dotes que Castela não dispunha. E foram tais qualidades que sobressaíram na amarração da tradição histórica brasileira contra os franceses e que permaneceram na formação do povo brasileiro. Após isso, o que Portugal quis foi iniciar o *parasitismo social*. A citação a seguir é longa, porém, mostra os indícios dos desejos portugueses em relação ao Brasil logo após a derrota dos franceses. Tais desejos consistiam no

amparar-se no forte [o povo brasileiro], a temê-lo, empenhado, por isso, em contê-lo e, para contê-lo, enfraquecendo-o sistematicamente, desnaturando-o. Desse momento em diante, a metrópole degradada, miserável, converteu-se em espoliadora feroz, no papel de um inimigo danoso. Não só espoliadora, mas corruptoramente opressora, já despeitada, já invejosa, a realizar, em tudo, o pior dos senhores – o fraco decaído. Se a isto juntamos a circunstância do gênio português, exaltado pelo mercantilismo, teremos a explicação do que foi depois a vida do Brasil – vitoriosamente definido, mas jungido a Portugal; o Brasil contrariado em todos os seus surtos naturais, e nas suas legítimas aspirações; o Brasil estiolado, tiranicamente mantido na ignorância e na obediência absoluta, desvirtuado nas suas tradições, roubado de tudo, até da sua história... (BOMFIM, 1997: 255-256).

Esse é o retrato social do Brasil às vésperas da invasão holandesa. Uma colônia enfraquecida (*parasitada*) por causa da pilhagem estabelecida pelo colonizador em benefício do *parasita*.

Mesmo diante dessa conjuntura, segundo Bomfim, quem irá expulsar o invasor holandês será o povo, instigado pelo *ânimo nacional*. Ele foi “quem reagiu, no Brasil, e tão vigorosamente bateu o invasor não foi o Estado português, mas o ânimo brasileiro” (BOMFIM, 1997: 257). O povo organizado resistiu e lutou bravamente na varredura do holandês. O povo era formado por nativos, mestiços¹⁰ e portugueses que aqui foram feitos no *espírito da nova pátria*. Contudo, a parcela significativa chamada povo, a qual Bomfim rende enormes louvores na expulsão holandesa é a pernambucana. Nesse aspecto, o médico sergipano é influenciado pelos escritos de Robert Southey. A respeito dos relatos históricos construídos por esse historiador é diagnosticado o enfrentamento, liderado pelos pernambucanos, de acordo com Bomfim: “a resistência inicial foi organizada por um capitão nascido no Brasil, feito no espírito da nova pátria, capaz de aproveitar as suas energias.” (BOMFIM, 1997: 264). Seu nome era Matias de Albuquerque, um dos heróis da resistência holandesa. O amor à pátria era tão intenso que Bomfim relata, sustentado no comentário de

¹⁰ “O Brasil é um país de população cruzada, desde os seus primeiros dias, e foi com essa população cruzada que a nação apareceu e se definiu.” (BOMFIM, 1997: 206).

Frei Manuel do Salvador, que havia “pernambucanos que se matavam, para não se entregarem aos holandeses.” (BOMFIM, 1997: 267).

Toda resistência do povo foi guiada por um único sentimento: patriotismo. E o que é, afinal de contas, patriotismo para Bomfim? Patriotismo é o sentimento que permanece na nação já constituída, mesmo diante de “todas as insuficiências e misérias do Estado português” (BOMFIM, 1997: 275), pois “o patriotismo é a fórmula de solidariedade vivaz, explícita, vigorosa, concreta, porque procede na nitidez e no vigor dos motivos egoístas, para efeitos nitidamente sociais.” (BOMFIM, 1931: 170). O exemplo máximo de patriotismo são os das pessoas que “defenderam a tradição que, [...], aqui se criara, e que já era uma tradição própria – o Brasil.” (BOMFIM, 1997: 275).

Portanto, em face do exposto, o que pode ser acompanhado na rabeira da leitura da formação nacional proposta por Bomfim é: o Brasil é fundado na colonização. Isto porque “o nome – Brasil – surge com a própria colonização” (BOMFIM, 1997: 336). E não só isso, o autor vai além ao avaliar que por conta das duas resistências, precocemente estabelecidas contra franceses e holandeses na colonização, é fundada, na América, a primeira tradição nacional que pode ser colocada como modelo às demais que compõem esta geografia continental. Assim, o Brasil é

exemplo único, por toda esta América, o Brasil é a nação que existe para o mundo, no signo de um nome seu, muito antes de poder possuir soberania própria. Quase toda a história colonial se faz conduzida por esse nome, que, se existe, é porque corresponde à necessidade de indicar uma realidade – a unidade ideal, superior às contingências e vicissitudes da colonização. (BOMFIM, 1997: 336).

O florescer prematuro da nacionalidade brasileira é devedor à *plasticidade* do povo brasileiro, fincada desde a colônia e que permitiu a fusão de raças e de tradições. No livro *O Brasil na história*, Bomfim chega a afirmar que o aparecimento antecipado da nacionalidade é originário da *plástica das raças indígenas*, “que permitiu aproveitaram-se, em ânimo de juventude, as qualidades boas da nação colonizadora” (BOMFIM, 1931: 293). E dessa fusão, no período colonial entre indígenas e portugueses, esses que resistiram aos intentos franceses, antes de se entregarem ao *parasitismo social*, veio à luz aquilo que Bomfim chamou de *superioridade da nossa gente*, que a levou à conquista do estatuto de nacionalidade, bem como ao progresso. Estatuto esse que foi consolidado no combate aos franceses, estabelecido pelo povo brasileiro, sem o auxílio do português que já havia rendido graças ao *parasitismo social*. Vejamos como essa argumentação, a respeito da *plasticidade* do povo brasileiro, é

arranjada nas letras do texto de Bomfim, que nada mais é do que um elogio à mestiçagem, cujo sinônimo é a *plasticidade*. Recordando que a mestiçagem [tão condenada pelo *campo* intelectual da *geração de 1870*], ou aquilo que Bomfim chamou de *plasticidade* do povo brasileiro, é a chave de acesso ao reconhecimento do estatuto da nacionalidade brasileira.

Solidariedade íntima e de coesão essencial, o povo brasileiro da colônia era, ao mesmo tempo, um ânimo de liberdade, pois que se fizera na fusão de raças e de tradições, em contato com a natureza virgem, estuante de energias acumuladas. Desse cruzamento resultara para ele a capacidade primeira de progresso, essa plasticidade que, ainda hoje, é a superioridade da nossa gente, sedenta de inovações, acessível a todos os progressos, como sem peias de rotina e sem preconceitos do passado. (BOMFIM, 1997: 334-335)

A tradição histórico-social de resistência do povo brasileiro, urdida na *plasticidade social*, calcada no amor à pátria e na coesão social, são elementos indispensáveis na fundação da nação vislumbrada por Manoel Bomfim. A resistência do povo brasileiro, que fundou a nação nos séculos XVI e XVII, retorna à cena pública durante o século XIX, por meio de quatro tentativas de revoluções obliteradas, que foram: a Independência (em 1822), a Abdicação (1831), a Abolição (1888) e a República (1889). Elas não tiveram sucesso devido à escamoteação das elites conservadoras, aliadas ao Império. A revolução não decolou em 1822 porque “a independência significou a reunião do Brasil a Portugal sob a dinastia Bragança.” (REIS, 2006: 198). Assim como também foi frustrada a tentativa de 1831, na ocasião da Abdicação, porque “o povo que destituiu o imperador deveria também ter dissolvido a sua Câmara e avançado com a revolução. A câmara impôs a mudança “dentro da lei” e os exaltados foram tratados como facciosos e desordeiros.” (REIS, 2006: 199). Assim, o desfecho da Abdicação foi: “o bragantismo se estabeleceu definitivamente e o vampirismo [*parasitismo*] tornou-se interno.” (REIS, 2006: 200). O mesmo frustrado se deu em 1888 com a Abolição, “porque se fez tardiamente, quando não havia mais nenhum país escravocrata. O tráfico só foi extinto quando o inglês o impôs, agredindo a soberania nacional.” (Bomfim *apud* REIS, 2006: 208). E “também porque não conseguiu vencer a ordem do regime bragantino.” (REIS, 2006: 208). Por fim temos o aborto revolucionário da República, em 1889, haja vista a perpetuação dos interesses bragantinos de “dominar e possuir. Os interesses pessoais se confundiam com os interesses do Estado. A República foi nula quanto ao progresso social e à defesa de ideias.” (REIS, 2006: 212). Bomfim segue dizendo “a tradição bragantina tendia ao despotismo vil. A República de 1889, continuando a tradição política

portuguesa bragantina, repetiu os crimes dos governos da Metrópole e de d. Pedro II contra o Brasil.” (REIS, 2006: 210).

O contexto histórico que assinalou o acúmulo das derrotas revolucionárias foi a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, no ano de 1808. Com esse advento houve a consagração do *parasitismo social*, como legítima instituição política, cunhada pelos *donos do poder*. As instituições políticas eram dedicadas, como Bomfim diz – no livro *A América Latina: males de origem* – à rapinagem e à pilhagem do Brasil.

Mesmo o século XIX tendo amargado quatro derrotas revolucionárias, dele emergiu para o cenário nacional, no período entre 1845 e 1870, o lirismo, fruto do Romantismo¹¹. Esse movimento, o lirismo, apresentou “em versos e voz sentida a alma nacional oprimida. A nação brasileira reencontrou-se em seus primeiros poetas, articulou em palavras o seu conteúdo.” (REIS, 2006: 204). Os nomes mais cintilantes da atmosfera lírica nacional foram

os verdadeiros cantores da alma brasileira – Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Alencar, Varela, Castro Alves¹², Machado de Assis... Falam diretamente aos corações, e incorporam de pronto os sentimentos da nação, em contraste com o regime que a anula. Por isso mesmo a influência dessa poesia é a dissolução das instituições em que se enfeixara o mesmo regime – escravidão e monarquia. (BOMFIM, 1996: 293).

A força brotada dos versos desses poetas foi estridente, a ponto de promover a explosão de instituições consagradas, como a escravidão e a monarquia. O lirismo esteve para além dos grilhões literários e estéticos, ele estivera a serviço da tradição nacional.

Bomfim dá primazia à tradição dos poetas românticos porque ela era vestida de aspectos *americanistas*¹³ e *indianistas*. Esses aspectos eram genuinamente brasileiros. Os poetas românticos exploravam temas como a tradição nacional que já nos pertencia. Ao fazer isso esses poetas se afinavam contra as oposições depreciadoras do Brasil, disseminadas pelo Portugal rendido ao *parasitismo*. E conclamavam em seu lugar a tradição “esquecida”, sangrada pelos *heróis de Dezesete*.

¹¹ O Romantismo foi um movimento literário recolhido da Europa e aportado no Brasil no século XIX. O movimento abordava temas como amor, pátria, religião, natureza, povo e passado. O Romantismo não ficava preso apenas a escrita desses temas, segundo Alfredo Bosi. Ele ainda era ferramenta “ideal para explorar a vida e o pensamento da nascente sociedade brasileira.” (BOSI, 1994: 103).

¹² A esse poeta foi dedicado o livro *O Brasil nação: realidade da soberania brasileira*, de 1931.

¹³ Essa expressão, admitida por Bomfim, também remete ao legado de José Martí.

Não esqueçamos que aquela geração de românticos, onde vemos os primeiros grandes poetas realmente brasileiros, deu o melhor da sua inspiração ao chamado americanismo¹⁴, isto é, o indianismo¹⁵, – aspectos puramente brasileiros do mundo ambiente. Cantando o índio, heroísmos, sofrimentos e injustiças, em contato com o colono, os nossos poetas davam-se, logo, ao que havia de mais profundo nessa oposição – Brasil-Portugal. (BOMFIM, 1931: 205).

Os poetas românticos assim faziam, pois “a poesia, qualquer que seja o grau de civilização, tem sempre significação definida e consagrada, na distribuição dos fatores sociais.” (BOMFIM, 1996: 289). E prossegue o autor “a realização da poesia é o próprio sublime da vida humana, na contingência das necessidades morais, que se definem em aspirações, como a solidariedade se impõe na cordialidade do sentir.” (BOMFIM, 1996: 289-290).

Após registrar o lugar social no qual a poesia arma seu gradeamento, gostaríamos de registrar, por último, o duplo significado intrínseco ao nacionalismo por meio do furto das considerações do biógrafo Ronaldo Conde Aguiar, que dizem:

o nacionalismo do médico sergipano tinha um duplo significado. De um lado, tratava-se de um processo de afirmação diante do parasitismo, ou seja, diante do colonialismo [...]; de outro, era também uma reação ao racismo científico, que dividia a sociedade entre indivíduos capazes e incapazes, superiores e inferiores, úteis e inúteis, com vistas à dominação dos últimos. (AGUIAR, 2000: 184).

Diante do exposto, foi verificado que a concepção de nacionalismo de Manoel Bomfim é mergulhada no *ânimo nacional*, condensado na unidade patriótica, e que ambos foram anunciados na resistência às invasões francesa e holandesa. A fundação nacional, nos séculos XVI e XVII, só foi possível porque o povo brasileiro, habitante da colônia, manifestou a *plasticidade social*, capacidade de renovação e tradição histórica e racial do povo, cujo fim é o progresso. Por esse prisma, junto à ideia de *plasticidade social* do povo brasileiro, está concepção de história de Manoel Bomfim.

O interesse de Bomfim em revitalizar os sentidos dado ao termo nacionalismo¹⁶, através do resgate da tradição histórica “esquecida” se deve à compreensão da nação como

¹⁴ Grifo nosso.

¹⁵ Grifo do autor.

¹⁶ Há no artigo do historiador José Carlos Reis, “Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática”, alguns direcionamentos críticos a respeito da interpretação de Bomfim atribuída ao termo nação. Na dissertação de mestrado de Filgueira, *a escrita descolonial de Manoel Bomfim: uma conversa com o seu pensamento social e político*, estão disponibilizados

passível de fabricação, de forja, isto é, caso a tradição triunfante encarregada de produzir narrativas seja a dos *dominadores* e não a dos *dominados*. O exemplo disso é a nação brasileira, seu processo de construção é “pontilhado de conflitos, insurreições, golpes e acomodações, forjou-se a “nacionalidade” como categoria histórica e, não menos importante, como ideologia política e cultural.” (MOTA, 1999: 200).

Referências bibliográficas

- AGUIAR, Ronaldo Conde. *O Rebelde Esquecido: tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2000.
- BOMFIM, Manoel. *A América Latina: males de origem*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 2005.
- BOMFIM, Manoel. *O Brasil na América: caracterização da Formação Brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1997.
- BOMFIM, Manoel. *O Brasil na história: deturpação dos trabalhos, degradação política*. Rio de Janeiro: Ed. Francisco Alves, 1931.
- BOMFIM, Manoel. *O Brasil Nação: realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Ed. Topbooks, 1996.
- BOSI, ALFREDO. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Ed. Cultrix, 1994.
- CARVALHO, Eugênio Rezende de. *América para a humanidade: o americanismo universalista de José Martí*. Goiânia: Ed. UFG, 2003.
- FILGUEIRA, André Luiz de Souza. *A escrita descolonial de Manoel Bomfim: uma conversa com o seu pensamento social e político*. 2012. 170f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Pesquisa e Pós-graduação sobre as Américas (CEPPAC), UnB, 2012.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.
- MOTA, Carlos Guilherme. “Idéias de Brasil: formação e problemas (1817-1850)”. In: *Viagem incompleta: 1500-2000 – A experiência brasileira [vol. 1: formação: histórias]*. São Paulo: Ed. SENAC, 1999.
- REIS, José Carlos. “Civilização brasileira e otimismo revolucionário (ingênuo): Manoel Bomfim e o sonho da República soberana e democrática”. In.: *As identidades do Brasil 2: de Calmon a Bomfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda?*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2006.

outros apontamentos críticos sobre a designação de nação do médico sergipano. Esses últimos foram construídos a partir da reflexão metodológica apoiada nos Estudos Culturais e Pós Coloniais.